

A VIOLÊNCIA E SEUS AVESSOS: SOLIDARIEDADE E COMPREENSÃO NAS MEMÓRIAS DE GRACILIANO RAMOS

Gustavo Silveira Ribeiro¹ (UFMG)

RESUMO: *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (53), de Graciliano Ramos, são retratos da violência e do autoritarismo que enformam a sociedade brasileira. A partir da reelaboração literária de sua própria experiência, o autor procura refletir sobre a relação do indivíduo com o poder: tanto o menino no primeiro livro quanto o intelectual no segundo se acham diante das agruras da Lei, seja ela paterna ou estatal. A difícil existência da criança no patriarcal sertão nordestino, e o confinamento do escritor, por motivo político, nos meses que antecederam o Estado Novo – tais são as situações encenadas, nas quais se observa o poder manifestando-se em suas formas mais cruéis, a agressão física e o controle do corpo. Tendo isso em vista, este artigo estuda como Graciliano, protagonista das narrativas aqui abordadas, procurou resgatar seu passado: mais do que só denunciar os mecanismos da violência que vitimou a ele e a tantos outros, interessa ao escritor também uma reavaliação do vivido que se realize a contrapelo dessa violência, e que se apresente como resistência a ela. Afetos como a compreensão e a solidariedade, seus avessos, nascem do reencontro com o outro que esse exercício literário proporciona, e impõem-se nas memórias do autor como elementos decisivos da sua constituição artística e ética.

PALAVRAS-CHAVE: Graciliano Ramos – memória – violência – ética – humanismo.

1.

Pode-se dizer, sem temer o erro ou o exagero, que a violência é uma das constantes temáticas da obra de Graciliano Ramos. Em praticamente todos os seus livros, ficcionais e memorialísticos, é possível identificá-la, desde os crimes e desmandos do fazendeiro Paulo Honório, em *S. Bernardo* (1934), passando pelo assassinato perpetrado por Luís da Silva em *Angústia* (36) e pelos desejos de vingança do vaqueiro Fabiano, de *Vidas secas* (38). As situações-limite encenadas nesses textos, que tem como pano de fundo, quase sempre, a luta pela posse da terra no Nordeste brasileiro e as relações sociais que dela decorrem, se apresentam como formas de representação crítica da violência estrutural que marca e constitui a sociedade brasileira. Abordado a partir tanto do ponto de vista do agressor, no caso de *S. Bernardo*, quanto do ponto de vista dos agredidos, como em *Vidas secas*, os dramas sangrentos em que se envolvem os personagens de Graciliano são estudados em profundidade nos seus mais diversos extratos. Suas repercussões coletivas e institucionais, familiares e individuais, se colocam nos textos do autor de modo a oferecer uma visão o mais integral possível dos conflitos, e a abrangência de seu recorte oferece aos olhos do leitor o triste espetáculo da intolerância e das injustiças que se estendem a praticamente todas as esferas da vida social, constituindo sua substância íntima. No entanto, se é perceptível a qualquer leitor a importância que esse tema tem na obra de Graciliano Ramos, e a crítica especializada já cansou de a reafirmar, há nuances da abordagem que o autor faz dele que nem sempre se mostram tão facilmente. Para melhor explicitar essas nuances terei de traçar, primeiramente, uma linha imaginária que irá dividir em dois a obra do escritor alagoano. De um lado ficam seus romances, *Caetés* (33), *S. Bernardo*, *Angústia* e *Vidas secas*. De outro estão os seus livros de memórias, *Infância* e *Memórias do cárcere*. Divisão arbitrária e, admito, nem sempre produtiva, ela aqui se faz necessária não por uma questão de gênero literário ou, o que seria pior, por critérios como “maior ou menor ligação com a realidade”; o que justifica essa separação apenas operacional diz respeito ao tratamento dado a questão da violência, a meu ver bastante diferente nos dois casos.

Conforme já destacado pela fortuna crítica desses textos, os primeiros livros de Graciliano se detêm no problema da violência de modo a expor e analisar os seus efeitos devastadores tanto nos agentes que a praticam quanto naqueles que são por ela vitimados. O exemplo de *Angústia* é bastante para observar isso. Seu protagonista e narrador, o pequeno funcionário público Luís da Silva, conviveu com a violência e seus signos a vida inteira. Criança, morando numa fazenda do interior, presenciava cotidianamente corpos serem transportados em redes sangrentas até o cemitério local, corpos aniquilados de acordo com a bárbara lei sertaneja. Nesse mesmo período era submetido a penosas sessões de natação pelo pai, que o forçava ao exercício até quase perder totalmente o ar, numa demonstração da pedagogia bruta do lugar. Passados alguns anos, já órfão, é obrigado a vagar se humilhando como pedinte e vagabundo em Maceió, até conseguir arranjar-se penosamente como empregado subalterno do Estado. Dessa posição, continua a contemplar injustiças de toda sorte contra mendigos, prostitutas e demais desafortunados, até sentir-se ele mesmo vítima de um desaforo insuportável, o que o leva a conceber e perpetrar um crime hediondo, o assassinato de seu rival e antípoda Julião Tavares, próspero negociante local e deflorador de moças pobres da periferia. Todo o clima do romance é nebuloso, carregado de imagens de morte e sangue. O *pathos* fundamental de Luís da Silva, o ressentimento, domina o livro e faz dele um dos mais pesados textos da literatura brasileira, no qual se identifica em cada passagem o germe da desigualdade e da opressão.

Vista dessa maneira a obra, o tratamento dado à violência nela fica, assim, no nível da **denúncia**: ao retratar o mundo sombrio de Luís da Silva, o autor procura analisar, com a contundência de meios da ficção, a quantidade de ódio que se acumula sob as camadas superficiais do tecido social, e de que modo todo esse rancor (que pode se apresentar no plano puramente individual, ou assumir caracteres mais amplos, como ocorre em *Angústia*) está sempre pronto a explodir. A escolha dos signos de morte que povoam a narrativa, e sua distribuição hábil pelo romance, só reforçam a idéia de que Graciliano quis re-apresentar ao leitor as mesmas sensações de violência e destruição a que os personagens estavam expostos¹. Ao repetir, no texto, essas experiências, o autor deflagra, ainda, a percepção dos leitores para seus efeitos a partir do distanciamento que sua observação gera. A visão de mundo que emerge desse procedimento é pessimista, mesmo que agudamente crítica, pois se afunda na dor e na agonia daqueles que, por praticarem ou receberem atos violentos e autoritários (comumente as duas coisas juntas), se vêem às voltas com as suas marcas. É isso o que se pode observar, entre outras coisas, no cinismo agressivo de João Valério, de *Caetés*, na solidão atroz a atormentada de Paulo Honório e nos delírios homicidas de Luís da Silva. Através deles e de suas terríveis histórias Graciliano Ramos se opõe à violência, denunciando-a, mas ainda ele se vê de alguma maneira ligado a ela, atado aos afetos reativos que a caracterizam.

Em *Vidas secas*, composto pelo autor após sua saída da prisão em janeiro de 1937, a temática da violência ainda se apresenta sob o signo da denúncia, apesar de a perspectiva adotada pelo autor ser um pouco distinta daquela dos romances anteriores. Esse fato, sem dúvida, fez com que diversos críticos afirmassem ser o livro “o mais otimista” de toda sua obra, apresentando uma visão dos seres e das coisas menos torturada e amarga. Dentre outros ilustres leitores, compartilham dessa opinião Álvaro Lins e Otto M. Carpeaux, e eles – como ocorre frequentemente – parecem ter razão. A

¹ Lúcia Helena de Carvalho, em seu interessante estudo de *Angústia*, analisa a função que as cores têm nesse livro. Segundo ela, a predominância do vermelho, que se liga duplamente à figura do pai morto e ao corpo da amante, Marina, espalha por toda a narrativa, por processos associativos, imagens de sangue e devastação (CARVALHO, 1983).

família de retirantes mostrada no livro sofre tremendamente com a falta de chuvas e com a exploração desenfreada de seu serviço pelos fazendeiros do Nordeste. O aparato policial se faz presente, agredindo Fabiano sem motivo e metendo-o na cadeia por uma noite. Fazem parte do texto também, ainda que sejam entrevistados só de relance, os bandos de cangaceiros que com sua fúria desenfreada servem de contraponto à vida pacífica e ordeira do protagonista. Esse chega mesmo a se imaginar fazendo “estragos” como os cabras que andavam soltos pela caatinga, sem respeitar patrão ou soldado. No entanto, apesar do ambiente hostil em que se passa o romance, a violência extrema a que os personagens são submetidos pela áspera vida que levam é mediada (sem ser atenuada em nenhum momento) pelo olhar ao mesmo tempo distanciado e compassivo com que o narrador os focaliza. É como se, diferentemente dos outros livros, Graciliano se propusesse a não só representar as misérias de seus personagens; em *Vidas secas* ele parece interessado na sorte deles. Por consequência disso, o tratamento do tema que aqui me é importante, a violência, ganha algumas nuances a mais.

Se nos romances anteriores do autor o autoritarismo e a violência não encontravam contraponto possível pela intensidade com que se faziam presentes nos universos representados (mesmo se se pensar, por exemplo, em Madalena, clara contraparte do brutal Paulo Honório, o destino último dessa personagem – o seu suicídio – desautoriza afirmar que os valores por ela corporificados poderiam tem algum espaço), em *Vidas secas* algo começa a mudar. Em meio à degradação e ao desespero da seca e das relações sociais cruéis do sertão, surge um fio mínimo de esperança, de fé na “humanidade” do homem. E é justamente essa fé, expressa de modo desconfiado e sutil pelo narrador, que caracteriza a atitude diversa que Graciliano Ramos vai assumir diante do fenômeno da violência em suas obras memorialísticas. No romance de 1938 a perspectiva principal ainda é a da denúncia da sua ação sobre os homens. Os personagens ainda são vítimas dos seus efeitos, como nos textos anteriores, mas já é perceptível um pequeno deslocamento dessa questão. De vítimas, de objetos da incontornável violência que enforma o mundo que habitam, eles começam a transformarem-se em sujeitos capazes de reagir a ela, impondo-lhe resistência, seja pelo desejo utópico de outra vida (como pode ser interpretado o motivo da esperança em *Vidas secas*), seja pela consciência de que é preciso não entregar-se aos efeitos alienantes e envenenadores que a vivência de traumas pode desencadear, como será o caso de *Infância* e *Memórias do cárcere*, conforme a leitura que realizarei dessas obras.

2.

Que ninguém se engane: nas memórias de Graciliano Ramos o autoritarismo e a violência estão presentes a cada momento. Apesar de prevalecerem nelas, segundo penso, sentimentos muito diversos dos que se mostram nos romances do autor, a violência não é de nenhuma maneira escamoteada. Para alguns, esses elementos são ainda mais chocantes nessas obras porque elas representam, de um modo ou de outro, pedaços da vida empírica de seu autor, e as inúmeras cenas cruéis e de arbitrariedade que se encontram nelas às vezes chegam a superar as fabulações do romancista. Na primeira dessas obras memorialísticas, *Infância*, o relato se concentra nos momentos difíceis da socialização de seu pequeno protagonista, um menino fraco e tímido que se vê constantemente humilhado e batido pelos mais velhos, de modo especial pelos próprios pais. No outro texto, *Memórias do cárcere*, a narrativa se volta para os dez meses em que o autor, já homem feito e escritor em vias de consagração, esteve encarcerado pela polícia política do governo Vargas. Em ambos os casos é flagrante o papel que a violência exerce na vida desses indivíduos. Tanto a criança subjugada

quanto o intelectual detido sofre as agruras da Lei (paterna ou estatal) e se vêem enredados pelo enorme sofrimento que atinge os seus corpos e se estende para os demais entes frágeis que os circundam. Nesse sentido, caberia perguntar qual seria – e se é que realmente existiria – o aspecto diferencial desses textos em relação ao restante da obra do escritor no tocante à questão que aqui se põe em primeiro plano. Segundo me parece, a diferença que se coloca aqui é de perspectiva: nas memórias o autor trata de construir um texto de **reflexão** e resistência contra a violência e seus efeitos, enquanto – conforme já dito – nos romances (com ênfase nos três primeiros) o foco recai na denúncia.

Antes de aprofundar a análise das memórias de Graciliano, cabe dizer algumas palavras sobre o que entendo por “denúncia” e “reflexão”, termos importantes para esta argumentação. Conforme asseverei linhas acima, nas obras onde prevalece a denúncia a violência é primordialmente apresentada, numa perspectiva que se orienta pela idéia de que é preciso registrar essa experiência e, através de seu retrato, tornar possível o conhecimento de seu funcionamento interno e das suas conseqüências. De uma forma geral, como ocorre nos primeiros romances de Graciliano Ramos, os personagens aparecem como vítimas da maquinaria infernal da violência, dominados que são por engrenagens que não compreendem e contra as quais não sabem ou não podem lutar. Mesmo quando são agentes dessa violência, quando atingem aos outros com seus atos, são a si mesmos que estão inconscientemente golpeando, como acontece em *S. Bernardo*, onde só depois de sua derrocada decisiva é que Paulo Honório começa se dar conta desse processo. Já no caso das obras em que prevalece a reflexão, a violência vai aparecer, muitas vezes, como tema e pano de fundo dos eventos narrados, mas a atitude dos personagens diante dela – e, especialmente, a atitude do personagem-narrador, como em Graciliano – é o que importa. Ao invés de apresentar os personagens como objetos da violência, na posição de vítimas, essas obras os vão colocar diante dela, assumindo posicionamentos críticos claros em relação às agressões sofridas ou praticadas. Com esse procedimento, a possibilidade de enfrentamento e resistência à violência se intensifica, pois o texto que procura, antes de tudo, refletir sobre essa questão é capaz não só de expor o problema (denunciando-o) como de ultrapassar os seus efeitos mais imediatos e alienantes.

Vistas como obras em que a tendência principal é a da reflexão, em *Infância* e *Memórias do Cárcere* vai ser perceptível a busca de sentido para a experiência vivida que seus narradores vão empreender. Entender o que se passou é para eles fundamental, e por essa necessidade de entendimento passa, é óbvio, a questão candente da violência a que foram submetidos nos diferentes períodos recobertos por essas memórias. Como forma de analisar em profundidade o seu conteúdo, o método adotado por esses textos é o do estabelecimento de uma tensão: confrontam-se neles passado e presente, o que se foi e o que se é. O substrato das memórias que vai sendo posto no papel é permanentemente questionado, seja através da dúvida quanto a sua fidedignidade (o narrador se pergunta se terá mesmo acontecido, da maneira que está sendo lembrado/relatado, um determinado evento), seja, principalmente, através de um doloroso processo de reavaliação do vivido, no qual o narrador choca a percepção (incluindo aí as sensações e juízos morais) que um fenômeno despertou no momento em que foi experienciado e aquela que a evocação memorialística desse mesmo fenômeno vai deflagrar posteriormente. Conforme se verá, esse processo de reavaliação – no qual vai a perspectiva presente ir predominar – será decisivo na atribuição de novos sentidos à matéria narrada, elemento característico desses textos e marca do tom reflexivo que eles assumem.

Dessa maneira, se coloquei mais atrás que a abordagem da questão da violência em *Infância* e *Memórias do cárcere* não é elidida, antes se mostrando muito abertamente, é preciso entender como ela aparece de modo diferencial nessas obras em relação a outras do gênero ou mesmo aos demais textos do autor. De modo a parecer contraditório ou mesmo paradoxal para muitos, é possível observar que, mesmo trazendo relatos de sofrimentos terríveis, as duas obras memorialísticas de Graciliano Ramos estão entre os menos acusatórios ou ressentidos textos dessa natureza que se tem notícia. Ao invés de procurar apontar culpados para a violência tremenda que acometeu a ele e a vários outros indivíduos em sua meninice e em sua passagem pela cadeia, o autor procura se aproximar o mais possível das pessoas que com ele conviveram e entender os múltiplos motivos de suas ações, buscando compreendê-los na sua particularidade irreduzível, mesmo quando essas mesmas pessoas foram protagonistas dos maus tratos, injustiças e humilhações sofridas por ele. É como se, diante da violência, o autor não respondesse apenas com denúncias e exposições de chagas antigas. Sem deixar de apontar para cada um dos problemas em tela com a força crítica que é peculiar aos seus escritos, Graciliano responde à violência imposta com os seus avessos, a compreensão, a solidariedade e a tolerância.

Logo nos primeiros capítulos de *Memórias do cárcere* o narrador afirma ser esse o propósito do livro. Comentando sobre os métodos de apreensão da realidade da vida no cárcere, anota, referindo-se aos companheiros de infortúnio: “Fiz o possível para entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos.” (RAMOS, 1993, p. 37). Sabendo que os que se encontravam a sua volta não eram apenas “revolucionários”, mas gente de todo tipo, bandidos comuns e militares em grande quantidade, essa declaração de intenções ganha maior peso e impacto. Em *Infância* vai se encontrar disposição diante do Outro bastante parecida a essa, sendo que a referência à mãe, uma das personagens responsável pelos momentos mais dolorosos da infância do narrador, ilustra bem isso. Mesmo caracterizando-a, inicialmente, como “uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza (...) boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura.” (RAMOS, 2003, p. 16), capaz de aplicar surras terríveis no filho antes mesmo que ele fosse capaz de falar com desenvoltura, páginas à frente o desejo de reavaliar as impressões carregadas do passado se impõe, e o autor conclui: “Se não existisse aquele pecado, estou certo de que minha mãe teria sido mais humana.” (RAMOS, 2003, p. 26) Nessa passagem ele se refere a uma filha espúria do pai, Mocinha, cuja beleza e vitalidade contrastavam com o desajeito de D. Maria e provocava-lhe, na avaliação do filho, duplo desgosto: lembrava as faltas antigas do marido e avivava a consciência de sua própria feiúra. Apresentando essas considerações sobre a personagem, de fato ela aparece mais humanizada, não só reduzida ao papel de agressora. Sem reduzir-lhe nunca as ações odiosas, o narrador, entretanto, procura entendê-la e não só condená-la. Como se vê por esses exemplos arrolados, tanto o texto de 1945 quanto a publicação póstuma de Graciliano se caracterizam por procedimentos narrativos e posturas éticas parecidas. Para melhor expô-los, aprofundo um pouco mais a questão.

Tanto em *Infância* quanto em *Memórias do cárcere* a compreensão e a solidariedade, constelações afetivas que as atravessam de modo determinante, se manifestam diante da alteridade autêntica. Digo isso porque o autor não só demonstra simpatia ou busca compreender os atos daqueles que estão em pé de igualdade com ele; ao contrário, a aproximação que busca realizar, na maioria dos casos, se dá com os que lhe são distantes por princípio, aqueles que representam para ele, de fato, a figura do Outro. No caso de *Infância*, serão os pais agressivos e autoritários os principais alvos de

sua reavaliação do passado, mas também irão aparecer sob outro e mais humano prisma os maus professores, o vigário da cidade, Pe. João Inácio (autoritária figura, além de dono de aparência assustadora) e até o assassino Fernando, capanga de chefes políticos locais. Já nas *Memórias do cárcere* essa diferença se acentua, dado o grau de acirramento das contradições expostas. Nessa obra haverá quase que uma inversão programada das expectativas: dos que se esperavam virtudes (os presos políticos do PC), quase que só aparecem mesquinharias. Por outro lado, dos que, num primeiro momento, se esperava agressão e hostilidade (pela diferença de posição política, pelos lugares distintos ocupados no aparelho repressivo, pela distância radical dos hábitos e práticas sociais) surgiram gestos inesperados e grandiosos. Lembro aqui, apenas para exemplo, os episódios que envolvem o Capitão Lobo (que ofereceu um improvável empréstimo financeiro ao prisioneiro que estava sob sua responsabilidade), o soldado que saciava a sede dos detentos, o ladrão Gaúcho e o valentão Cubano, esses últimos dois presos comuns que se tornaram amigos e protetores do escritor na prisão. Todos eles, militares ou simples delinquentes, não podiam ser mais distantes de Graciliano. Os militares eram responsáveis pelo seu encarceramento sem motivo ou acusação formal, o que por si só já os separava, além de representarem também o Estado capitalista que ele, confessadamente, gostaria de destruir. Já os criminosos também não lhe eram afins, porque a ilegalidade em que viviam era-lhe totalmente estranha e indigna.

Outra questão importante a observar é que, em nenhum momento, o *ethos* fundamental das memórias do autor, a compreensão do Outro, impede que o aspecto político dos textos se constitua como elemento decisivo de sua constituição. Ao contrário: tanto *Infância* pode ser lido como um libelo contra a “bárbara educação nordestina” (RAMOS, 1993), como o imaginou o próprio autor e a crítica não se cansa de reafirmar, quanto o livro de 1953 ainda é um dos mais contundentes testemunhos do horror vivido nas prisões estadonovistas. O que acontece é que, no afã de ressaltar a inegável verve crítica dessas obras de Graciliano Ramos, muitas vezes se fechou os olhos para os questionamentos éticos e morais que eles colocam. E são esses questionamentos, somados à análise de uma visão de mundo menos pessimista que emerge desses escritos, é que ajudam a construir a interpretação que ora proponho das memórias do escritor, centrado no problema da abordagem da violência que essas memórias oferecem. Dito isso, retorno, então, a essa problemática para amarrar algumas arestas que minha argumentação possa ter deixado para trás.

Disse atrás que é possível identificar dois modos de se trabalhar com a temática da violência em textos literários, e que esses dois modos são encontráveis na obra de Graciliano Ramos. Por um lado, há textos que visam apenas expor a violência e o autoritarismo, entre os quais procurei situar os romances do autor. Por outro lado, há textos que procuram combinar denúncia e reflexão ao tratar desse tema, e que essa era uma forma de resistir a ele. Só agora, depois de colocadas as diversas nuances da questão, é que julgo possível definir melhor o conceito utilizado de “resistência”. Considero que a prática literária das memórias de Graciliano se coloca como uma forma de resistir à violência e seus efeitos porque enquanto os personagens e as situações dramáticas representadas estiverem atados à dor e ao sofrimento causados por essa violência, ela ainda continuará operando nas entranhas do texto e da vida daquele que escreve, paralisando-o, ou daqueles que aparecem como atingidos por ela, no texto. É claro que, diante de experiências de horror e morte indizíveis, a denúncia do que aconteceu, a sua fixação na memória como “impossibilidade de esquecimento” se justifica e de nenhum modo deve ser condenada. No entanto, como o próprio Graciliano e tanto outros reconheceram, a pior seqüela da vivência de experiências traumáticas é o envenenamento da consciência e da alma que esses eventos podem gerar. O próprio

escritor, no capítulo de abertura de suas *Memórias do cárcere* não irá afirmar outra coisa: “Não caluniemos o nosso pequenino fascismo tupinambá. (...) ele não nos impediu escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse exercício.” (RAMOS, 1993, p. 34) Conforme se pode notar, a partir dessa declaração, o próprio ato da escrita já pode ser tomado como combate e resistência.

Nesse sentido, como forma de combate a esse envenenamento e a seus nefastos desdobramentos, Graciliano voltou-se para seu passado e o interrogou violentamente, disposto não a repeti-lo em sua dimensão de sofrimento, mas a recriá-lo. A humanização de seus pais, vizinhos e conterrâneos através da tentativa comovente de compreender cada gesto deles em suas ramificações individuais e coletivas, sem rancor ou ressentimento que não questionasse sempre a si mesmo, faz de *Infância* texto único, raro exemplo de representação aguda do sofrimento infantil e, ao mesmo tempo, reflexão sobre a natureza desse sofrimento e das motivações por vezes impossíveis de serem definitivamente julgadas daqueles que o praticaram. Por sua vez, o sentimento de solidariedade que se irradia nas *Memórias do cárcere* e aproxima indivíduos e personas sociais antes completamente afastados faz com que a violência do encarceramento e da morte a que os detentos foram submetidos não triunfe, não seja capaz de suplantar o desejo de vida e a humanidade que ainda podia haver em muitos dos que ali se encontravam, independente da posição social ou função político-administrativa que porventura assumissem.

Assim, posta esta interpretação das obras memorialísticas do escritor alagoano (interpretação que vai de encontro à esmagadora maioria dos textos publicados sobre essas obras), concluo afirmando que a solidariedade e a compreensão, afetos que povoam as memórias de Graciliano apresentam-se não só como postura individual do autor frente às mazelas de seu passado. A partir de sua observação e estudo, é possível ver neles o germe da proposição (ainda tímida) de uma espécie de “ética humanista” que procurou aliar, num só movimento, a crítica social e o resgate das grandezas humanas que coexistem no homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia*. São Paulo: Editora Ática, 1983.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Editora Record, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. (2 vol.) São Paulo: Editora Record, 1993.

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. São Paulo: Editora Record, 2003.

¹ Gustavo S. Ribeiro, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FALE/ UFMG.
E-mail: gutosr1@yahoo.com.br